

## O TEMA DE DEUS EM HUSSERL(\*)

### I. Introdução

Tenho consciência de que escolhi um tema vasto e complexo.

— Em primeiro lugar, porque o tema de Deus percorre toda a obra de Husserl, desde a etapa preferentemente epistemológica — desde os textos publicados em vida de que destaco as *Investigações Lógicas*, *As Ideias*, *a Lógica Formal* e *a Lógica Transcendental*, as *Meditações Cartesianas*, até à chamada *Spätphilosophie* onde, muito embora no âmbito do idealismo transcendental fenomenológico, ganha corpo uma *reflexão sobre a temática metafísica*, designadamente na *Crise das Ciências Europeias* e a *Fenomenologia Transcendental*.

E, desde já, permita-se-me uma pequena observação:

Ainda que sejam muitos os *textos em* que Husserl refere explicitamente Deus — textos que seriei e anotei — ao menos os relativos às obras publicadas em vida — servir-me-ei, nesta lição, apenas dos que considero mais importantes.

Dos textos publicados postumamente, além dos inseridos na *Crise*, apenas utilizei aqueles que, porque já bem estudados, merecem credibilidade e são de fácil acesso aos alunos: textos, por exemplo, da *Filosofia Primeira* e da obra *Sobre a Fenomenologia da intersubjectividade*.

---

(\*)O Texto que agora publico transcreve a lição por mim proferida nas provas de agregação em Filosofia Contemporânea.

Decidi não introduzir qualquer alteração formal, tentando manter o carácter coloquial, o tom de oralidade específico de uma lição que, também é certo, só artificialmente, se pode manter.

Com efeito, da introdução de transformações formais, resultaria um artigo científico. Ele tem, com certeza, toda a pertinência e será, por isso mesmo, objecto de uma futura publicação, num âmbito mais alargado.

— Em segundo lugar, o tema é vasto e complexo, não só porque percorre toda a obra de Husserl, mas porque se *prende* directamente com os *núcleos matriciais do sentido* da fenomenologia husserliana: a questão de Deus supõe, portanto, um *conhecimento* e uma *referência* a esses mesmos núcleos, nomeadamente à proposta fundamental da sua filosofia, a saber, o sentido e alcance da *redução*.

E como o pensamento husserliano sofreu desenvolvimentos e maturações a partir de uma *tarefa redutiva interminável*, que o ocupou até ao fim da vida, acresce-se a esta complexidade, o facto do tema de Deus, na senda de tais metamorfoses redutivas, apresentar, também ele e em intrínseca relação, matizes diferenciados ao longo da obra. Matizes que teremos de percorrer.

— A questão complica-se ainda mais pelo facto de Husserl ter abordado o tema de Deus, também no *plano teológico* e mesmo âmbito de uma *fenomenologia da religião*, abundando textos seus, e comentários de estudiosos abalizados, numa hermenêutica promissora e de fecundidade crescente.

— Será então imprudente, a escolha deste tema para uma lição de 60 minutos, destinada, além do mais, a alunos e não a especialistas?

Se se tiver em conta que se trata de uma lição *síntese* (cujos conteúdos serão esmiuçados em aulas *posteriores*); se se tiver em conta que se trata de uma lição-*cúpula* que supõe o conhecimento da filosofia do Autor, exposta em aulas *anteriores*; se se tiver em conta que me vou limitar à *abordagem filosófica* que Husserl designou por *via atea conducente a Deus*, saber que não supõe qualquer revelação, discurso racional que, longe de negar a existência de Deus, a reforça, libertando-a de toda a contingência humana; se se tiver em conta tudo isto, *creio ser oportuno e do maior interesse, o acometimento do tema de Deus em Husserl*.

Veremos, pois, — ao longo desta lição — em que sentido e medida Husserl cumpriu o que afirma no texto anteriormente citado, escrito cinco anos antes da sua morte e intitulado *Horizonte*.

Situada, portanto, no *âmbito filosófico*, começarei por dizer que o tema de Deus é *nuclear em Husserl*, como aliás ele próprio múltiplas vezes afirmou. Nele desemboca o sentido e alcance da redução transcendental, como já referi.

Deus, cuja existência ingenuamente imposta, será posta entre parêntesis na primeira etapa da filosofia husserliana, ir-se-á progres-

sivamente afirmando como o sentido radical da consciência maximamente reduzida, como a *evidência transcendental* por *autonomia*.

Aliás, não é por acaso que muitos dos seus discípulos directos irão chamar Deus (cada um à sua maneira e de acordo com um discurso racional específico) ao *sentido radical em que desemboca*, ou para o qual *apela* a redução; E. Stein, R. Ingarden, E. Levinas, Max Scheller, são exemplos do que acabo de dizer.

Inspirada no *percurso* dos discípulos, irei eu mesma deter-me no modo como Husserl vê a *intrínseca implicação* do tema de Deus no tema da redução. E isto, no âmbito de três modalidades redutivas que com este tema mais directamente se prende.

Ou seja:

— na via cartesiana, ou redução transcendental propriamente dita, conducente ao *ego cogito cogitatum*.

— na via intersubjectiva conducente ao nós transcendental, e deste à *Mónada Suprema*.

— na via arqueológica da consciência, ou redução à ontologia do mundo da vida e desta à teleologia e ao *Telos absoluto*.

No primeiro caso, como veremos no corpo da lição, a transcendência de Deus é encarada como uma existência que, por via causal, demonstrativa, se tentasse impor à consciência.

No segundo caso, como também veremos, Deus, *Mónada Suprema*, é já uma *transcendência suposta* no âmbito da intersubjectividade transcendental; e no terceiro caso, será essa mesma intersubjectividade que, num esforço redutivo ainda mais radical, ao tomar consciência de si como *teleologia ao Infinito*, verá em Deus a satisfação máxima da evidência, garantia última da necessidade racional, de que a *consciência transcendental* como *humanidade em progresso* está imbuída.

Queria, desde já, nesta Introdução, alertar para o seguinte:

Se bem é certo que a chamada *via cartesiana* é decisiva e fundante de certas noções, das quais Husserl jamais abdicará, também é certo que a ânsia de fundamentação rigorosa engendrou, no seio da própria redução transcendental, outras modalidades redutivas. Estas, sem desdizer do idealismo *transcendental fenomenológico* — bem pelo contrário, no intuito de o reforçar — alargam-no, aprofundam-no, no âmbito, de uma *transcendentalidade* cada vez mais *ampla e fascinante*; aprofundam-no, repito, com metamorfoses assinaláveis, no que à constituição do sentido do *fenómeno* e da *transcendência* diz respeito.

O *fenómeno* perderá cada vez mais o sentido de plena objectualização. Na evidência como percepção mediata, recairá, paulatinamente, a incumbência do fundamento radical.

Falo da trajectória do sentido do fenómeno e da *transcendência*, porque me parecem paradigmáticos, *sintomáticos*, para o nosso tema de hoje.

Vejamos o caso do fenómeno puro: *ao nível da via cartesiana*, e explicitamente assinalado como plena objectualização apodíctica, plena adequação ou preenchimento sem resíduos da intenção significativa da consciência absoluta.

Ao nível da redução intersubjectiva, na intuição do outro-eu, o requisito da plena apresentação fenoménica, não se poderá cumprir. O fenómeno genuíno não é já apresentação imediata. E não apenas de facto — como, aliás, ao nível da via cartesiana já se foi insinuando no que se refere aos horizontes de latência na *síntese alógica* da coisa estranha.

A alteridade furta-se pois, não só de facto — como os horizontes da coisa — mas também de direito, à percepção directa.

O sentido da transcendência daqui decorrente, sofrerá, também ele, uma metamorfose: a verdadeira e genuína transcendência, em designação de Husserl, é a do sujeito como *inter-esse*. Analisarei, adiante, esta asserção.

Pela intuição intropática, acedo, por evidência mediata, ao outro, sem me identificar nunca com a sua interioridade de sujeito constituinte.

Neste caso, a transcendência de Deus — posta entre parênteses ao nível da via cartesiana, por exigência da extensão universal da epoché epistemológica —, será postulada como Mónada Suprema, que, em estrita simultaneidade, capta a totalidade do sentido das coisas, garantindo e harmonizando a objectividade da constituição do sentido perspectivístico das subjectividades finitas. Deus é a garantia do nós transcendental, qual *Einfühlung Infinita que* assiste e viabiliza a finitude da subjectividade singular no seu ser de alteridade, de abertura à transcendência do outro e à de Deus.

— A redução à intersubjectividade, ao colocar-nos no âmbito de uma comunidade espiritual, de uma comunicação universal, esboça já a inflexão antropológica da última etapa da fenomenologia husserliana, isto é, a fenomenologia como *filosofia do espírito racional*, teleologicamente orientada *pela e para* a ideia de Deus.

Impõe-se uma nova redução — nesta terceira etapa — à ontologia do mundo da vida. O fenómeno puro, a *Ur-Evidenz*, será agora a *teleologia*, o aperfeiçoamento prático-ético ao Infinito de uma humanidade em exercício histórico-transcendental de si. A fenomenologia identificar-se-á com a história transcendental, como Husserl propõe na *Crise*.

Correlato objectivo da consciência subjectiva como fluxo temporal, a teleologia evidencia uma temática e uma preocupação metafísicas, cujo sentido radicalmente fundamentador é um Telos apodíctico que Husserl irá explicitamente afirmar como Deus, realidade última absoluta, transcendência qualitativamente distinta, da da subjectividade finita.

— Eis, em breves rasgos, e num já alongado intróito, o que analisarei, de seguida, no corpo desta lição.

Tratarei pois, não do modo como Husserl descreve as reduções propriamente ditas — porque isso *foi* objecto de aula anteriores —, mas sim, do modo como o *sentido da transcendência em geral se intui* fenomenologicamente na consciência, consoante as respectivas reduções, e do sentido da transcendência de Deus, em particular.

Por fim, numa breve conclusão, resumirei o essencialmente exposto, tecendo algumas considerações sobre as virtualidades do tema de Deus em Husserl.

## II. Desenvolvimento

Debruçemo-nos pois sobre a chamada *via cartesiana* (designação de Husserl na obra intitulada *Filosofia Primeira*).

A questão de Deus prende-se, aqui, com o sentido da imanência e da transcendência genericamente consideradas, tal como Husserl os equacionou na primeira etapa do seu idealismo transcendental fenomenológico.

Tem, como é sabido, um sentido *sui generis*, longe da dicotomia do clássico (isto é moderno) idealismo/realismo.

Recordando o que foi dito em aulas anteriores, nem o idealismo transcendental fenomenológico se reduz a um mero formalismo subjectual — a consciência reduzida é unidade na heteronomia, é correlação intencional sujeito-objecto, é consciência *material*, tem um conteúdo noemático (e daí a crítica de Husserl a Kant) —, nem o

*realismo* que aqui se rejeita tem nada a ver com a negação pura e simples da realidade «fora de nós».

É o próprio Husserl quem, *nas Ideias I*, afirma não haver motivos racionais que possam anular essa força inaudita das experiências concordantes, o que demonstra a sua indubitabilidade empírica.

Com efeito, se a atitude transcendental, desde Kant, é irreversível para a Filosofia, se o sujeito é sempre um sujeito começante, o que sim se rejeita, é o realismo naturalista, a aceitação acrítica do que é estranho à consciência, que lhe é imposto «de fora», e não começa por ser *sentido dado nela*, e perspectivado de acordo com o seu modo de significar.

Por isso mesmo, a transcendência metafísica não é banida, nem negada.

É da ingenuidade na aceitação acrítica do naturalismo, por um lado, e do sistema causalista-substancialista da metafísica eidetizante, por outro, que Husserl se quer deslindar.

Porque o sentido da experiência, em ambos os casos, não é nada inocente ou despreconcebido. Liga-se, ou à *facticidade* de perfil empirista que mutila a racionalidade ao nível da intuição «sensualista»; ou à epifenomenalidade da metafísica abstracionista, carente de intuição.

Suspende-se pois o juízo relativamente ao carácter existetivo da realidade fora de nós, para a reaver *no e pelo* esforço de reposição da racionalidade radical, numa experiência evidente e necessária.

Mas como tenta Husserl levar a cabo esta tarefa? Através de uma crítica apodíctica da experiência transcendental, através de uma análise da absoluta consciência da possibilidade de uma consciência absoluta.

E, na análise desta consciência absoluta, no seio da imanência da consciência reduzida, intui-se, por implicação, a transcendência. O sentido desta, como vimos em aulas anteriores, a propósito da unificação estrutural da vivência, estática e dinamicamente consideradas, o sentido desta transcendência é complexo:

Ao nível da via cartesiana.

— Insinua-se, do lado do polo noemático, no objecto intencionado que transcende o noema propriamente dito (recordo a distinção entre *núcleo noemático* e *caracteres noemáticos*, a noção de *campo*, de *latência*, de mundo como *horizonte de horizontes*), bem como na *síntese alógica* da coisa, a patentiar a sua *estranheza*.

— Insinua-se, do lado do polo noético, nas antecipações e retenções de um eu que permanece idêntico por *síntese passiva*, por *síntese alógica*, transcendendo-se de um modo «misterioso», de um *agora* vivido ao outro *agora* vivido.

Esta emergência, enquanto puro dom da consciência a si, é, para alguns intérpretes, transcendência inultrapassável<sup>(1)</sup>.

Ora bem:

Se o ser da coisa é, ao nível da via cartesiana, a sua pura objectivação, as dificuldades de plena adequação entre apodicticidade e indubitabilidade, surgem já aqui. Por isso, no começo gnoseológico radical, late a principialidade ontológica.

E Husserl tem plena consciência destas dificuldades, desde muito cedo.

A propósito, afirma nas *Meditações Cartesianas*:

«É claro... que o sentido da indubitabilidade, em que o eu, através da redução transcendental, se transforma em doação, corresponde... ao conceito de apodicticidade... Mas não se pense que, com isto, está já resolvido o problema da apodicticidade, nem o do fundamento primeiro no plano filosófico. Surgem, de facto, dúvidas... Adequação e apodictividade de uma evidência não têm por que proceder necessariamente a par e passo... Quando poderá o eu transcendental ser evidência para si... e até onde se estendem os dados absolutamente indubitáveis?»<sup>(2)</sup>. A interrogação fica em aberto.

A via cartesiana ou redução transcendental propriamente dita parece estabelecer o eu como princípio dos princípios. E tal princípio é, afinal, o começo, a visão originalmente dada na intuição<sup>(3)</sup>.

Quer dizer:

O que se dá em carne e osso deve assumir-se como isso mesmo que se dá, mas somente nos limites em que se dá.

Assim no-lo recorda Husserl no § 24 das *Ideias I*.

Do ponto de vista fenomenológico, e no âmbito da redução cartesiana, põr entre parêntesis o mundo — a fim de ressaltar os actos subjectivos supõe que o *momento* necessariamente correlativo da subjectividade seja o mundo mesmo.

---

<sup>(1)</sup> Defende esta posição, entre outros, J. BENOIST (Cf. *Husserl: au-delà de l'onto-théologie* in «Les Études Philosophiques», 1991, pp. 443-453)

<sup>(2)</sup> HUSSERL, E. — *Méditations Cartésiennes*, Vrin. Paris 1953, p. 19.

<sup>(3)</sup> Cf. HUSSERL, E. — *Idées directrices pour une phénoménologie*, Gallimard, Paris, 1950 § 24, p. 73 e segs.

Por isso, Husserl insiste, com exemplos: perceber uma casa é um acto imanente — *Erlebnis* —, mas voltado para algo que é exterior; com efeito, não sou eu que *produzo* os dados hiléticos. Ele estão aí, e eu não me interrogo acerca da sua origem. Suspendo o juízo.

E então, a absoluteidade da consciência, tal como Husserl a concebe, provém da circuntância de que toda a visão ou todo o sentido, é sempre do *sujeito* como *ego cogito cogitatum*. Tal absolutização da consciência significa o seguinte: para o sujeito, sair fora de si, é impossível, pois não poderia ver com os «olhos» de outrem.

A diferença entre a posição kantiana e a husserliana, neste aspecto, difere apenas nisto: Husserl, mais consequente com os requisitos do universo de discurso transcendental, omite o número que, em Kant, ao nível teórico, é, ainda assim, uma sequela, a meu ver inconsequente, dos núcleos de sentido do universo de discurso causalista-substancialista da metafísica moderna que Kant frequentou.

Chegada aqui, terei de perguntar:

Como surge o tema de Deus no contexto epistemológico da *via cartesiana*, e de acordo com o sentido genérico *e sui generis* da imanência e da transcendência, tal como acabámos de sintetizar e abordá-mos longamente em aulas anteriores? Recordemos, uma vez mais, que a redução transcendental fenomenológica nos mantém no âmbito de uma subjectividade transcendental *sui generis*: aí, a dualidade sujeito-objecto tem uma especificidade inultrapassável, aí a intencionalidade medeia, sem confusão, o polo noético e o polo noemático. A transcendência *exibe-se* no âmbito da imanência subjectual, pretendendo-se manter, conseqüentemente, uma rigorosa suspensão do juízo relativamente ao «fora de nós».

Repito: Como surge o tema de Deus, neste contexto epistemológico? Surge, sempre, numa oscilação ambígua. Isto é:

Se, por um lado, se deve suspender o juízo relativamente à noção ingénua de Deus, imposta de fora<sup>(1)</sup>, por outro lado, e ainda assim, ela aparece à consciência como «*conceito limite*» necessário nas considerações epistemológicas, índice indispensável para construir certos conceitos limites de que nem o ateu filósofo poderia prescindir<sup>(2)</sup>.

---

(1) Cf. HUSSERL, E. — *Logique Formelle et Logique Transcendantale*, P. U. F., Paris, 1957, § 99, p. 335 e segts.

(2) Cf. HUSSERL, E. — *Idées directrices pour une phénoménologie*, Gallimard, Paris, 1950, § 74, pag. 235 e segts.



Se, por um lado, «Deus é ,para mim aquilo que é, a partir de minha operação da «consciência... e não devo passar por alto este pronto, por medo a uma pretensa blasfêmia...», por outro lado, isto não significa, — continua — «que eu invente ou faça essa suprema transcendência»<sup>(6)</sup>.

O parágrafo 99 da *Lógica Format* merece particular detenção. Depois de ter distinguido entre a subjectividade psicológica e a subjectividade fenomenológica transcendental, Husserl afirma:

«A referência da consciência a um mundo não é um *facto* que me seja imposto por um Deus que assim o determinasse de fora de modo contingente, ou por um mundo que existisse previamente, de modo também contingente, com as suas leis causais. O *a priori* subjectivo... precede o ser Deus e do mundo e de tudo o que, sem excepção, existe para mim, ser pensante. O próprio Deus é para mim aquilo que é a partir da minha própria operação da consciência; e nem sequer este ponto eu *passo* passar por alto, por medo angustiado a uma pretensa blasfêmia; pelo contrário, tenho que encarar o problema, já que, nem neste caso, nem no do alter ego isto quer dizer que eu invente ou faça a suprema transcendência»<sup>(7)</sup>.

Fica bem patente, por este texto, de que *aqui se trata* de um idealismo epistemológico e não metafísico.

O tão famoso parágrafo 58 das *Ideias I* é paradigmático, nesta oscilação ambígua. Se, por um lado, como aí se afirma «abandonado o mundo natural, *tropeçamos* com outra transcendência»<sup>(8)</sup> conhecida mediatamente e polarmente oposta à do mundo, a saber a transcendência de Deus; se por um lado, como aí também se reconhece, não somos nós que constituímos tal transcendência divina, pois ela é polarmente oposta ao mundo por nós constituído — transcendência que garante essa maravilhosa teleologia, até ao Infinito; por outro lado, e por coerência de método, a «este absoluto», a este «transcendente» estende-se também a redução fenomenológica transcendental. Mas Husserl tivera o cuidado de matizar: isto é, «a algo que se impusesse primeiramente, de fora, sem uma

---

(6) Cf. HUSSERL, E. — *Logique Formelle et Logique Transcendantale*, p. 336.

(7) *Op. cit.*, p. 335-336. O sublinhado é meu.

(8) Cf. HUSSERL, E. — *Idées directrices pour une phénoménologie*, p. 191.

prévia indagação «dos conteúdos da consciência pura e da sua actividade constituinte»<sup>(9)</sup>.

É, pois, compreensível que, no âmbito da *via cartesiana*, as ambiguidades, na equação do tema de Deus, atinjam o seu paroxismo: o que é susceptível de dúvida, por ser «fora» da consciência, por superar a consciência, é, no entanto, anunciado na consciência: e, no caso de Deus, por força de razão e positividade especial.

Talvez por isso mesmo, — porque aquilo que transcende a consciência é anunciado na própria consciência *constituente do sentido* como algo positivo — se não possa eliminar, nem pura e simplesmente ignorar.

No parágrafo 51 das Ideias I há uma nota que não passou despercebida a certos comentadores. Husserl adverte aí que, se é certo que a redução abrange a transcendência de Deus, também é certo que, na medida em que dele se fala, e é possível fazê-lo, deve haver na consciência moldos peculiares através dos quais esta transcendência de Deus se anuncia. Este «espírito» late, aliás, em todas as citações explícitas de Deus, já nesta primeira etapa epistemológica, designadamente no que concerne às referências à *teleologia*.

Serão estes modos de alargamento do sentido *do fenómeno puro* e do sentido da *transcendência* que as seguintes vias reductivas irão aprofundar, no âmbito de um *transcendental* em algo meta-morfoseado e com um crescente fascínio sobre Husserl.

Passemos pois a analisar o conteúdo da segunda via reductiva já assinalada:

*A via monadológica conducente à intersubjectividade que tem como suposto a Mónada Suprema.*

É *no percurso* da redução à intersubjectividade que o *recurso* a Deus se impõe como *suposto* necessário que confere coerência à constituição transcendental do sentido objectivo (isto é, intersubjectivo).

---

<sup>(9)</sup> Na nota n.º 2 ao § 58 das *Ideias I*, Husserl afirma: «Tal como a transcendência do eu a transcendência de Deus é interior à imanência do Cogito...; mas ela não é *uma* com ele, como o ego da cogitatio; anuncia-se aí 'mediatamente': a) a propósito do problema teleológico que põe a ordem de facto do mundo constituído na consciência; b) a propósito do desenvolvimento da vida e da história humana; c) através dos motivos da consciência religiosa». Cf., *op. cit.*, p. 131.

Não vou, também aqui, descrever com pormenor a constituição do outro eu, nem do nós transcendental, (objecto das aulas que imediatamente antecederam esta lição), nem comentar a aceção das sugestões leibnizianas. Relativamente a este ponto debruçamo-nos, sobretudo, sobre a 5.<sup>a</sup> *Meditação Cartesiana* e sobre os parágrafos das *Ideias II*, referentes ao tema.

É de recordar, no entanto, o papel da intropatia — *Empfindung* —, (presente já em escritos de 1910).

Por ela, posso comunicar com o outro, sentir a nossa humanidade comum, sem jamais me identificar com ele.

Posso penetrar no outro, ainda que este me permaneça estranho e, portanto, transcendente.

Na intropatia, há dois momentos simultâneos que se implicam, numa intuição categorial: o da apresentação — *Gegenwärtigung* — do outro como organismo, e o da apresentação (do interior do outro eu, sujeito espiritual, intencionante) — *Vergegenwärtigung*.

Só pela intropatia acedo ao ser próprio da subjectividade como inter-subjectividade, isto é, à genuína transcendência do outro que se furta, não só de facto, mas também de direito, a uma total apresentação.

No parágrafo 50 das *Meditações Cartesianas*, afirma-se:

«...se o que é próprio do outro me fosse acessível dum modo directo, o outro seria apenas um momento daquilo que me é próprio e, portanto, eu e ele, seríamos o mesmo, o que não acontece»<sup>(10)</sup>.

Na essência do eu há pois uma alteridade que o sela como marca originária. E é esta alteridade que conduz os discípulos de Husserl, ou bem à abertura ao mundo como sentido originário (vertente ontológico-existencial), ou bem à abertura ao Outro, ético, (Lévinas) ou a Deus (Landgrebe, E. Stein), ou à transcendência axiológica (Max Scheller).

Este é o resultado da intuição intropática, a *verdadeira e genuína transcendência da subjectividade como intersubjectividade*, como nós transcendental, como comunidade racional.

Na obra *Sobre a Fenomenologia da Intersubjectividade*, Husserl debruça-se, em muitos dos estudos aí incluídos, sobre a possibilidade deste genuíno transcendental, como nós, como intersubjectividade. A passagem do solipsismo a uma comunidade espiritual, considerada

---

<sup>(10)</sup> HUSSERL, E. — *Méditations Cartésiennes*, Vrin, Paris, 1953, p. 91.

esta como «verdadeira e genuína transcendência», não deixa de levantar dificuldades.

O Autor interroga-se reiteradamente:

Como é possível a transcendência genuína e verdadeira, a transcendência intersubjectiva?

A resposta a tal questão supõe uma percepção adequada de todas e cada uma das percepções do outro. A *consciência omnicomprensiva de Deus aparece como o complemento indispensável da intropatia da consciência estranha*.

Com efeito, só Deus poderá penetrar simultaneamente em cada uma das consciências de cada outro. E não já especularmente, (como acontece nas mónadas finitas).

Importa pois, salientar, no que à via da redução à intersubjectividade concerne, que ela tem em Deus — qual *Einfühlung Infinita* que penetra simultaneamente nas consciências particulares coordenando as diferentes perspectivas — o suposto necessário da constituição objectiva, isto é, quer da *síntese alógica da coisa* (sobre a qual tanto se interrogou M. Ponty e Sartre), quer da *síntese passiva* do sujeito.

Este ponto merece uma maior detenção que omitimos por falta de tempo.

Recordando o que dissemos na Introdução, o idealismo transcendental fenomenológico vai-se metamorfoseando, na sua busca do sentido radical, cada vez mais afastado da viabilidade de uma doação apodíctica actual. A doação apodíctica — ao nível da segunda modalidade redutiva — só se coaduna com Deus, como sentido *suposto*, e necessariamente suposto pela consciência transcendental constituinte.

Esta redução intersubjectiva, ao apontar para uma comunidade espiritual, prepara a última etapa da fenomenologia de Husserl, entendida como *história transcendental*, como *filosofia do espírito racional*, cujo sentido originário radica no *mundo da vida* e se fenomenaliza «como teleologia»<sup>(1)</sup>.

Passemos pois, à terceira etapa da nossa exposição, que se debruça sobre a já referida...

*Via arqueológica da consciência*, conducente a uma necessária *teleologia* que aponta *Deus* como *Telos Absoluto*.

---

<sup>(1)</sup> Cf. HUSSERL, E. — *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*, Gallimard, Paris, 1962, designadamente os § 5, § 7, § 28, § 73, entre outros.

Pretende-se, por esta via, — como foi dito em aulas anteriores, regredir do mundo do já constituído, aos modos que caracterizam tal constituição.

Põe-se, pois, entre parêntesis, a pretensa originareidade da objectividade científica, para se patentear a *Ur-Evidenz*, a evidência originária do sentido, que é agora o *sentido do mundo da vida quotidiana do sujeito*, sobre o qual se constroem as diferentes sistematizações das ciências.

O regresso ao mundo da vida, que implica a redução fenomenológica de todas as ontologias e de todas as ciências já constituídas, traduz-se na doação do sentido filosófico genuíno, como o sentido da existência: o sentido da *Lebenswelt* difere, agora, e em muito, do das primeiras obras, como, por exemplo do da *Filosofia da Aritmética*. O mundo da vida era aí o mundo das idealidades lógico-matemáticas.

A fenomenologia, no seu sentido mais radical, é uma tentativa de retorno ao sentido originário e teleológico da razão a fim de constituir uma nova antropologia, capaz de tirar o homem da sua crise profunda de identidade. A ciência está em crise porque acreditou que o sentido da vida não é um «problema», ou porque acreditou que este problema se resolveria cientificamente.

Mas só a adesão completa ao mundo da vida, reconhecido como mundo para o homem e solo universal de todas as teorias e de todas as praxis, só esta adesão, afirma o sujeito no encontro consigo mesmo.

E qual o sentido originário do encontro do homem consigo mesmo, como humanidade (a indicar uma inflexão antropológica do sentido fenomenológico)? Qual o sentido do homem em fenomenalização histórico-transcendental de si?

O sentido originário do encontro do homem consigo mesmo, como humanidade, é da *teleologia*, em íntima conexão com o ser da consciência como fluxo temporal.

Desenvolvimento, finalismo, e perfeioamento ao infinito, são as características que a humanidade fenomenaliza, em exercício histórico-transcendental de si:

Por outras palavras:

A subjectividade transcendental como universalidade de uma estrutura intersubjectiva, permitirá individuar a teleologia como *Ur-Form*, como a forma originária, qual movimento de esclarecimento permanente, trânsito do implícito ao explícito, do oculto ao manifesto, do inconsciente ao consciente.

O «*enigma dos enigmas*», a «profunda ligação da razão e do sendo em geral», irá transformar-se no tema da filosofia propriamente dita»<sup>(12)</sup>.

O parágrafo 73 da *Crise* assinala, neste movimento de auto-clarificação racional, três etapas:

- o aparecimento da Razão
- o aparecimento da Filosofia
- o aparecimento da Fenomenologia transcendental

A humanidade vive, compreendendo-se a si racionalmente, querendo ser racional. E se sublinho este *querendo*, é porque considero que o discurso sobre Deus passará pelo empenho ético, já que a divindade se põe como a justificação última para a qual tendem as realizações singulares do fim moral.

Aliás, a semelhança com Kant, neste preciso aspecto, é nítida (e posta de relevo por outros comentadores): não se persegue tanto uma «demonstração» da existência de Deus, como a sua *postulação* a partir da experiência ético-teleológica.

Há uma espécie de necessidade implícita neste processo histórico de racionalização — têm de ser (*muss*), mas sem uma lei de constituição *a priori*, pelo que a vontade singular desempenha um papel fundamental.

É que esta razão — prossegue Husserl — não permite já qualquer separação entre prático, teórico ou estético... porque ser homem é ser teleologicamente. E esta teleologia reina em tudo o que vivemos egologicamente, em vista da compreensão última de si e do mundo, num Telos apodítico<sup>(13)</sup>.

Chegado aqui, eis a interrogação crucial:

Este Telos apodítico coincide com a Humanidade em processo à maneira de Fichte, ou transcende-a inexoravelmente?

O problema é controverso, mas a abundância de textos do último Husserl em que se afirma explicitamente o sentido qualitativamente distinto da transcendência deste Telos identificado com Deus, parece contrariar a hipótese estritamente imanentista, a identificação pura e simples de Deus com a intersubjectividade finita.

---

<sup>(12)</sup> Cf. HUSSERL, E — *Crise...*, p. 16-24. Husserl mostra como a Skepsis fundacional, filosófica, ao repôr o vigor do mundo da vida, da experiência real, actualiza a razão, torna-a radical. Esta vê-se a si mesma, *sendo*; e sendo no âmbito de uma história, cujas características de transcendentalidade estão garantidas pela inequívoca exibição da sua teleologia.

<sup>(13)</sup> Cf. *op. cit.*, p. 304.

Restrinjo-me à referência de dois dos textos mais conhecidos, muito citados, e também menos equívocos:

1 — O primeiro, de 1930, intitulado *Anfangende Vernunft, Teleologie, Gott* <sup>(14)</sup>.

2 — O segundo, de 1934-36, intitulado *Probleme der Psychologie* <sup>(15)</sup>.

No primeiro, o Telos apodícto é explicitamente identificado com Deus): é designado como Telos transhistórico para o qual a história se dirige; Telos supratemporal, conceito metafísico último [Überzeitliche, transhistorische Telos, Letzbegriff].

Deus — prossegue — é o Logos Absoluto, absoluta verdade, no seu pleno e completo sentido como o *unum, verum, bonum* a quem todo o ente se dirige, na unidade da sua tendência englobante.

E esta absoluta verdade, de acordo com o parágrafo 73 da *Crise* não pode ser mera ilusão transcendental, à maneira kantiana. («uma simples ficção, invenção irrelevante e supérflua»).

O segundo texto mencionado, não hesita em chamar Deus a esse Telos, Polo supra-racional, sobre-humano, subjectivo, supra-transcendental, supra-universal *überweltlichen Pol, übermenschlichen Pol*), realidade última que confere plena conexão de sentido e finalidade às acções constituídas.

Não me resisto a citar ainda um terceiro texto, de 1934, escrito por Husserl aos 75 anos de idade; nele elogia a filosofia aristotélica, na medida em que permanece «como ânsia eterna, encaminhando-se necessariamente, como filosofia autónoma, para uma teleologia e para uma teologia, filosófica como um caminho aconfessional para Deus, independente de qualquer religião» <sup>(16)</sup>.

Concluindo... e recordando o que foi dito ao longo desta lição, a fenomenologia não demonstra; *mostra* a partir da fenomenalização levada a cabo pela subjectividade absoluta, constituinte: r.a impossibilidade de «ver» senão a partir de si, é no interior desta imanência que o sentido da transcendência se constitui (do mundo, do outro, enfim, de Deus). A subjectividade absoluta, vendo dentro de certos limites, abre o seu pensamento à possibilidade de uma tematização

---

<sup>(14)</sup> Ms: 1939, E III 4, S. 36a; cit. in STRASSER, S. VON — *Das Gottesproblem in der Spätphilosophie Edmund Husserl*, in *Philosophisches Jahrbuch*, Lx VII, 1958-59, p. 139. Muitos outros autores citam estes ms: A. Ales Bello, L. Landgrebe, R. Bernoist, etc..

<sup>(15)</sup> Ms: 1934-64) S. K. III 2 S. 54b. *loc. cit.* Também este ms é muito citado.

<sup>(16)</sup> Vorgegebene Welt, Historizität, Triebe, Instinkt. Ms 1934, S. E. III 10, S. 18, cit. in STRASSER S. *op. cit.*

da transcendência, uma vez que esta trabalha já a constituição mesma do fenómeno, se encontra sobre o seu próprio solo e ex-cede este mesmo fenómeno como sinónimo de pura objectualização actual.

As sucessivas radicalizações do sentido do fenómeno ao nível da redução, indicá-lo-ão, por fim, como *telos*, intuído mediatamente na história transcendental da humanidade. O ser da subjectividade, não só está selado pela alteridade, pelo Outro por antonomásia, como está orientado por e para Ele.

Na senda da intuição intropática do outro, a teleologia é a *Ur-Evidenz*, uma fenomenalização, não só teórica, mas próximo-ética.

O *telos* é a Verdade-Bem, o valor postulado na realização da humanidade em termos de aperfeiçoamento, numa luta em que a vontade intervém, mantendo viva a tensão que conduz a este aperfeiçoamento.

Como Verdade-Bem, como Valor Supremo, Deus é a culminação do sentido fenomenologicamente constituído. É o seu *Telos*, não entendido como algo puramente extrínseco ou apenso no termo, mas como centelha divina —, permita-se-me a imagem aristotélica — que cada homem individual possui.

Num texto muito significativo para esclarecer o tema do panteísmo ou não panteísmo em Husserl, texto que envolve já o plano *teológico* (que excede o âmbito da nossa lição), o Autor, ao afirmar Deus como fim absoluto, reforça a relação intersubjectiva afectiva — como amor ético — com a intervenção da graça divina:

«O mundo tende a fins e a valores absolutos, prepara o caminho no coração dos homens, que poderão realizar um mundo divino na sua liberdade, através da própria graça divina, que os motiva e torna disponíveis para aspirar a tais realizações com a mais alta sabedoria e força de vontade»<sup>(17)</sup>.

Concluo esta exposição, apertando, se possível, ainda mais, o seu fio condutor.

Ao regressar às coisas mesmas e aos outros, Husserl visionou Deus.

O fenómeno puro como plena objectualização radicaliza-se no fenómeno como alteridade, como o sentido do outro eu; este, corresponde-se com a *genuína transcendência* de um nós transcendental, de uma intersubjectividade como comunidade espiritual, cujo suposto é

---

(17) HUSSERL, E. *Erste Philosophie*, II, *Husserliana* B. VIII, pp. 258.



Deus, qual *Einführung Infinita*. Tudo isto, claro está, no âmbito de uma idealidade transcendental fenomenológica. A subjectividade transcendental como universalidade de uma estrutura intersubjetiva, fenomenaliza-se teleologicamente. A teleologia é então a forma originária, a evidência radical da consciência maximamente reduzida. A subjectividade do *Telos*, corresponde-se com o sentido de Deus.

A busca do sentido apodíctico, da evidência por antonomásia, recairá, afinal, sobre Deus, qual Suprema Transcendência metafísica?

O fenómeno do fenómeno, ou seja, para empregar uma expressão de Merleau Ponty, o verdadeiro transcendental, não será, como no filósofo francês, o brotar imotivado das transcendências; o *verdadeiro sentido do transcendental* será em Husserl, Deus, transcendência suprema, intuída mediatamente na fenomenalização da Humanidade.

E então, numa espécie de *simultaneidade*, em algo semelhante à do *argumento ontológico*, e depois de operada a inflexão histórico-transcendental, o sentido apodíctico evidenciado *epistemologicamente* como *Telos Absoluto*, o sentido da suprema transcendência é, a *simultaneo*, a suprema realidade metafísica: Deus (*EINE LETZE ABSOLUTE REALITAT*).

O texto de Husserl com que encetamos esta lição cobra agora outro vigor:

«O discurso racional sobre Deus — afirmo — longe de negar a sua existência, reforça-a, libertando-a de toda a contingência humana».

Pela epoché, perdeu-se, não a existência, mas o seu sentido «ideologizado» como pretendemos mostrar na primeira etapa desta lição; segundo Husserl, só assim o poderemos reaver na sua fundamentalidade, na experiência radical da consciência universal de si mesmo. Cobram aqui todo o sentido as palavras de Santo Agostinha com as que Husserl encerra as suas *Meditações Cartesianas*:

«*Noli foras ire, in te redi, in interiore homine habitat veritas*»<sup>(18)</sup>.

Maria José Pinto Cantista

---

(<sup>18</sup>) HUSSERL, E. — *Méditations Cartésiennes*, Vrin, Paris, 1954, p. 134.